

CLIPPING

15 de Janeiro de 2019
O Liberal – Cidades, 07

Dengue, aids e malária devem crescer entre população idosa

É de crescimento, até 2020, a tendência dos casos de aids, dengue e tuberculose entre a população idosa. Já os de malária e febre tifóide devem decrescer e os de hanseníase se manter estáveis. É o que diz o médico Yuji Magalhães Ikuta na pesquisa "Aspectos epidemiológicos das doenças infecciosas em idosos no Estado do Pará", apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Doenças Tropicais da Universidade Federal do Pará (UFPA), orientada pela professora Marília Brasil Xavier. "O estudo demonstra o cenário da realidade do Brasil e suas especificidades regionais. Serve como um alerta para a população e para os gestores, pois foram identificadas elevadas incidências de doenças que já deveriam ter sido erradicadas", disse ele. Ainda são poucos os estudos voltados para a velhice e o número decresce quando se trata das doenças infecciosas. Segundo o médico, as doenças mais recorrentes foram identificadas entre a população de renda baixa. O professor utiliza a malária como exemplo: enquanto nos centros urbanos ela já

foi erradicada, nas cidades do interior do Estado ainda é comum. "É preciso questionar o 'controle' e verificar o porquê dessa doença ainda existir", acrescentou ele, em notícia publicada no site da UFPA. O professor utilizou 14 doenças infecciosas de notificações compulsórias, que ocorreram em idosos - dengue, tuberculose, hanseníase, leishmaniose tegumentar americana, hepatites, aids, doença de Chagas, leptospirose, leishmaniose visceral, meningite, tétano, febre tifóide, malária e esquistossomose. O estudo contou com dados disponíveis no Sistema de Informações de Agravos de Notificações entre 2003 e 2012. Na comparação dos dados com os do Pará e com os da população não idosa Yuji Ikuta observou alta incidência de aids, leishmaniose tegumentar americana, dengue, hepatites, leishmaniose visceral e doença de Chagas, manutenção das taxas de tuberculose, hanseníase, leptospirose, meningite, tétano e esquistossomose e redução dos índices de malária e febre tifóide.

Já a tuberculose, hanseníase, dengue, LTA e as hepatites virais em idosos, nos últimos anos, tiveram um aumento em relação à população não idosa. A incidência das doenças infecciosas no Pará também se mostrou maior que no Brasil, com destaque para dengue, tuberculose, hanseníase, leishmaniose tegumentar americana, hepatites e aids. Para Yuji, saneamento e educação são fundamentais para o planejamento da saúde e devem ser prioridade dos governos. Ele recomendou medidas de curto prazo que eliminem o ciclo de transmissão dessas doenças e planejamento de ações para expandir e qualificar o sistema de saúde. "Nós esquecemos que esse grupo pode ter infecções, como DSTs, e fazemos políticas que não o alcançam. Nesta pesquisa, uma das doenças que mais apareceram foi a aids, porque esse grupo não tem por hábito usar camisinha. Fazer campanhas que os incentivem e ensinem a usar o preservativo e preparar o profissional da saúde para lidar com essa demanda é fundamental", afirmou.